



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 10, pp. 51102-51106, October, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.23022.10.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

UNIVERSIDADE, DOCÊNCIA E ÉTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

***Dayanna Pereira Dos Santos**

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás Atualmente é professora na Programa de Mestrado Profissional em Educação no IFG- Campus Anápolis

ARTICLE INFO

Article History:

Received 17th August, 2021
Received in revised form
26th September, 2021
Accepted 12th October, 2021
Published online 30th October, 2021

Key Words:

Universidade, Docência, Ética.

*Corresponding author:

Dayanna Pereira Dos Santos

ABSTRACT

O artigo apresenta reflexão sobre a ética na docência. A ética envolve os valores que regem a ação humana, por isso constitui-se elemento essencial no exercício da docência. A discussão gira em torno das dificuldades e incertezas enfrentadas pela universidade no contexto social contemporâneo, que se refletem na docência. Para tanto, trabalha a menção de responsabilidade das universidades no processo de formação ética do docente. Logo, o trabalho tem como objetivo central refletir acerca da relevância do conhecimento ético na formação humana, principalmente no que se refere à formação de professores, visto que estes profissionais têm a responsabilidade de encaminhar as pessoas nas trilhas da cultura, do saber e da sensibilidade ética em defesa da dignidade humana.

Copyright © 2021, Dayanna Pereira Dos Santos. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Dayanna Pereira Dos Santos. "Universidade, docência e ética: algumas considerações", *International Journal of Development Research*, 11, (10), 51102-51106.

INTRODUCTION

A Ética na docência universitária, numa concepção humanística de educação, é tratada no presente artigo como elemento constitutivo na formação de uma humanidade emancipada e autônoma. Com a intenção de refletir acerca da relevância do conhecimento ético na formação humana inicialmente apresenta-se uma breve análise da relação direta entre universidade, conhecimento e sociedade e se justifica pela necessidade de compreender até que ponto os sistemas educativos, de forma especial o universitário, incorporam os conceitos de organização social, oriundos do projeto neoliberal centrados na competição, no individualismo, na lucratividade e na produtividade. Nessa perspectiva, a primeira parte do texto traz reflexões acerca da natureza do conhecimento no atual cenário sócio-econômico nacional, balizado pelo ideário neoliberal. Em seguida, pretende-se elucidar o fato da ética na formação universitária consistir num investimento formativo no humano, a fim de que este se torne livremente responsável por seus atos e consciente de seu papel de agente transformador da realidade. Neste ponto, a reflexão gira em torno do ensino e de sua dimensão no processo ensino aprendizagem, tendo em vista seu caráter político, crítico e reflexivo. Na sequência, aborda-se a relevância do ensinar com ética pela via do comprometimento com o cultivo do pensamento, da observação, do questionamento e da reflexão. Neste contexto, a reflexão constitui-se como o pilar para o desenvolvimento cultural, profissional e ético do sujeito. Finalmente, busca-se refletir sobre as implicações da ética na

formação e atuação docente. Questões como: seria a Ética "ensinável"; em que dimensão se dá a formação ética na universidade; como se caracteriza a discussão ética e sua aplicação no cotidiano do docente? são postas com o intuito de pensar, por via de um estudo pontual, os desdobramentos dos princípios éticos no fazer docente. Tais questões não têm a pretensão de esgotar o assunto, mas sim instigar novas formulações sobre a intrínseca relação entre universidade, docência e ética.

A Universidade, o conhecimento e a sociedade: O conhecimento adquiriu alta proporção econômica no século XX com o uso da inovação tecnológica como critério para determinar o nível de evolução social e o avanço técnico das sociedades. Emerge neste período um novo paradigma econômico e produtivo no qual a capacidade de gerar conhecimentos é um dos fatores decisivos na organização do poder econômico. Neste contexto, o elemento mais acentuado passa a ser o pujante uso do conhecimento numa perspectiva individualista, instrumentalizada e mercadológica ao invés do domínio de capital e força de trabalho. Tal cenário tem induzido o esboço de uma nova realidade social, de modo que as sociedades que têm o melhor nível de produção de conhecimentos encontram-se na liderança da economia.

Nas palavras de Castells,

o caráter estratégico das tecnologias e da informação na produtividade da economia e na eficácia das instituições sociais

muda as fontes de poder na sociedade e entre as sociedades (1996, p. 15).

O conhecimento, ao ser transformado em força produtiva, constitui-se como um pilar de poder e riqueza dos países. Esse processo de transformação produz, entre outros efeitos, a supervalorização da racionalidade instrumental, da lógica e dos interesses do mundo produtivo, em detrimento de uma educação compreendida como *paideia*¹, cujo ideal educativo centra-se no ensinar a pensar, a indagar, a criticar e a refletir. Esse ideal, conforme Platão é a

a essência de toda a verdadeira educação ou Paidéia é a que dá ao homem o desejo e a ânsia de se tornar um cidadão perfeito e o ensina a mandar e a obedecer, tendo a justiça como fundamento (*apud* JAEGER, 1995 p. 147).

A partir das palavras de Platão, depreende-se que a universidade, entendida como espaço por excelência da verdadeira educação, apesar de sua essência, em geral tem sido tratada como organização social e não como instituição social. Como organização, a universidade adquire outra identidade, aquém do ideal de educação pensado pelo filósofo. Essa identidade está atrelada à razão do mercado capitalista que se organiza por meio de estratégias e programas de eficiência organizacional, ou seja, pela peculiaridade e inconstância dos meios e objetivos. Para Chauí, a universidade compreendida como organização social difere da instituição social, uma vez que aquela se determina de acordo com sua instrumentalidade, nesse caso ela está

referida ao conjunto de meios (administrativos) particulares para obtenção de um objetivo particular. Não está referida às ações articuladas às ideias de reconhecimento externo e interno, de legitimidade interna e externa, mas a operações definidas como estratégias balizadas pelas idéias de eficácia e de sucesso no emprego de determinados meios para alcançar o objetivo particular que a define (CHAUÍ, 2003, p.06).

A universidade nessa concepção emerge como uma organização regulada pela ideia de produtividade, que não destina tempo para a reflexão, para a crítica e para a análise do conhecimento. Não se dedicando, dessa forma, ao cumprimento da tarefa de formar cidadãos éticos. Do ponto de vista político, a alteração entre organização social e instituição, diz respeito a sua via de inclusão na sociedade. Se por um lado a instituição promove a ideia de edificação de uma sociedade mais justa e igualitária, por outro a organização social tem caráter operacional e age como instância produtora das fontes de riqueza e transforma o conhecimento em mercadoria altamente comercializável, indo ao encontro dos interesses da sociedade capitalista. As razões disso certamente residem no fato da posse do conhecimento se constituir como meio de competição econômica e política atual sociedade. Trata-se, portanto, de uma crise decorrente do desmonte dos valores éticos e morais.

A respeito dessa realidade, Boaventura Santos diz que:

A popularidade com que circulam hoje, sobretudo nos países centrais, os conceitos de “sociedade de conhecimento” e de “economia baseada no conhecimento” é reveladora da pressão que tem sido exercida sobre a universidade para produzir o conhecimento necessário ao desenvolvimento tecnológico que torne possível os ganhos de produtividade e de competitividade das empresas (2009, p. 63, grifos do autor).

O exposto acima pressupõe, de certo modo, que noção de sociedade do conhecimento, ao invés de garantir considerável avanço e desenvolvimento autônomo das universidades como instituições

sociais, comprometidas com a vida das suas sociedades e interligadas a poderes democráticos, promove a prática de uma universidade operacional, caracterizada pelo excessivo acréscimo das horas de ensino, pela diminuição do tempo dedicado à formação de mestres e doutores, pela avaliação baseada na mera classificação do número de publicações, simpósios e congressos entre outros (CHAUÍ, 2003). Com essa roupagem, a universidade brasileira encontra dificuldades de desempenhar o seu verdadeiro papel: o processo de humanização do homem de forma integral, ética e intelectual. No entanto, a produção de sentidos que entretem a compreensão de universidade voltada para a formação humanística não se assenta na concepção de que a universidade deve invariavelmente negar-se a prestar serviços à comunidade ou a desenvolver projetos conjuntos com empresas. Ela pode sim colaborar com o desenvolvimento mercadológico, desde que não entre em contradição com sua essência acadêmica. Nessa perspectiva, a universidade responde às demandas sociais, por meio da pesquisa comprometida e do ensino de qualidade, sem submeter-se aos clamores econômicos de uma sociedade dirigida por grupos de interesse que desconsideram o significativo contingente da população, condenada às desigualdades sociais e econômicas. Segundo Lucchesi (2008), a universidade precisa exercer a função crítica e colocar-se como um contraponto ou antítese à mentalidade vigente, ao poder instituído, *ao status quo*. Para tanto, é preciso romper com o modelo acadêmico e pedagógico predominante no Brasil. Modelo este voltado para atender apenas às necessidades do mundo do trabalho. arafresando, Sobrinho, a universidade, por mais que se transforme, não pode abdicar-se de seu compromisso com a formação intelectual e ética da humanidade, pois sua responsabilidade vai além do licenciamento, isto é, da função instrumental de capacitação técnica e treinamento de profissionais para as empresas. O ideal de universidade a ser construído deve ter a intenção de garantir a formação humana para o exercício pleno do pensamento, da reflexão, do discernimento como condição para a concretização do processo civilizatório. Só assim ela estará em conformidade com a concepção de verdadeira educação ou *paideia*.

Relação entre ética, educação e universidade: Como foi elucidado anteriormente, o compromisso da universidade, enquanto instituição responsável pela difusão do conhecimento e pela geração de novos saberes, pautados nos princípios da verdade, da justiça, da igualdade e do belo, é com o processo de humanização, por isso tem como finalidade, além da preparação para o trabalho, a formação de um sujeito ético-político, capaz de intervir na realidade, provocando mudanças que beneficiem a sociedade da qual faz parte. Segundo Severino (2006, p. 632), cabe as instituições educativas “investir na transformação da razão instrumental em razão emancipatória”, para assim, assegurar o sucesso de sua prática formativa. No campo da filosofia, a ética, questão que afeta a relação social e a conduta humana, tem estado presente em diversos debates e reflexões no espaço da universidade, a fim de contribuir para a formação humana e promover o bem viver na sociedade. A reflexão ética, de caráter filosófico, surge neste contexto como uma exigência para se pensar a realidade da universidade numa via contrária a instaurada pela tendência mercadológica, formulada por princípios como o individualismo, a competitividade e a instrumentalização do saber. A respeito do surgimento da ética no âmbito da filosofia, Severino salienta que

do mesmo modo que a filosofia sempre se preocupou em discutir e buscar compreender como se formam os conceitos, como se pode acessá-los, o que os funda, ela procura igualmente compreender como se justifica essa sensibilidade aos valores. Desenvolveu então uma área específica de seu campo de investigação, no âmbito da axiologia, para conduzir essa discussão: é a *ética* (2011 p.137, grifos do autor).

O termo *ética* é originário de dois vocábulos gregos *éthos* e *êthos*. Conforme definição apresentada no dicionário de filosofia Lalande (1993), os dois vocábulos, apesar de possuírem a mesma raiz semântica, apresentam definições diferentes. O *éthos* (épsilon) refere-se aos costumes, aos hábitos ou mesmo à forma de comportar-se rotineiramente. O *êthos*, por sua vez, escrito com a vogal longa

¹Para Jaeger (1986, p.244-246) na pólis do séc. IV a.C. o conceito de “*paideia*” supera a vinculação limitada à instrução da criança. Trata-se de uma reflexão sobre a formação do homem para a vida racional na “*pólis*”. Aplica-se à vida adulta, à formação e a cultura, à sociedade e ao universo espiritual da condição humana. A construção histórica deste mundo da cultura atinge o seu apogeu no momento em que se chega à ideia consciente de educação.

intitulada *éta*, significa morada, lugar habitual e refere-se ao conjunto de características que define o estilo de vida de uma pessoa. Assim, a palavra ética adquire sentido além do significado original dos termos, pois passa a ser entendida como morada do *éthos*, isto é, como o lugar puramente humano para validar as regras morais. Para Sánchez Vázquez (1983), a ética é a teoria que se dedica ao estudo sobre o comportamento moral dos homens em sociedade. Vázquez explica ainda que:

Assim como os problemas teóricos morais não se identificam com os problemas práticos, embora estejam estritamente relacionados, também não se podem confundir a ética e a moral. A ética não cria a moral. Conquanto seja certo que toda moral supõe determinados princípios, normas ou regras de comportamento, não é a ética que os estabelece numa determinada comunidade. A ética depara com uma experiência histórico-social no terreno da moral, ou seja, com uma série de práticas morais já em vigor e, partindo delas, procura determinar a essência da moral, sua origem, as condições objetivas e subjetivas do ato moral, as fontes da avaliação moral, a natureza e a função dos juízos morais, os critérios de justificação destes juízos e o princípio que rege a mudança e a sucessão de diferentes sistemas morais (1995. p.12)

É importante salientar que ética e moral, em termos etimológicos, referem-se aos costumes individuais ou coletivos. Nas palavras de Chauí, a moral distancia-se da concepção de ética, pois “refere-se ao comportamento normativo cujas normas foram definidas externamente ao indivíduo, pela sociedade (p.01)”. A moral, conforme Chauí difere da ética. Enquanto esta se funda no desdobraimento da reflexão e na prática da liberdade, aquela apresenta caráter particular, determinando normas, princípios e valores que regulamentam o comportamento dos indivíduos em sociedade.

A esse respeito Terezinha Rios (2010) afirma que

no terreno da ética, nosso objetivo é investigar, perguntar pelo sentido dos valores, e não determiná-los como na moral. Se no terreno da moral, encontramos regras, leis, no da ética, vamos encontrar princípios. Trata-se, também aí, de valores, mas de valores que se encontram em todas as sociedades, na medida em que são considerados como fundamentais no convívio humano, tendo como horizonte o *bem comum* (2010, p. 656, grifos da autora).

A compreensão de Rios (2010) sobre o contraponto entre ética e moral permite aferir que a ética encontra seu espaço e sua razão de existir na esfera política de relação entre os homens e destes com a natureza, em seu caráter crítico reflexivo que caracteriza a práxis humana. A ética nessa concepção está diretamente ligada à educação, entendida em sentido amplo como formação humana, isto é, como qualidade existencial, marcada por “um máximo possível de emancipação e pela condição de plena autonomia do sujeito” (SEVERINO, 2011, p. 132). Neste sentido, a concepção educativa na universidade precisa pautar nos princípios éticos que corroborem com esclarecimento humano. Segundo Kant (1974) o esclarecimento é um processo de emancipação intelectual, de superação da falta de saber e da aversão ao exercício do pensamento. A ética na universidade consiste, portanto, num investimento formativo no humano a fim de que este se torne livremente responsável por seus atos e consciente de seu papel de agente transformador da realidade. Para Severino, com a afirmação de princípios éticos, a universidade tem condições de “elevar o educando de sua condição de indivíduo condicionado à condição de pessoa autônoma”, para tanto será preciso “levá-lo a reavaliar os valores de sua moral, para que possa assumir valores éticos de seu agir” (2011, p.146). Nessa mesma linha de compreensão dos princípios éticos, apresentada por Severino, encontra-se Demerval Saviani (2008, p. 14). Segundo este estudioso, pela mediação da educação torna-se possível instituir “em cada indivíduo singular, o cidadão ético correspondente ao lugar a ele atribuído na escala social”. Ainda conforme o pensamento de Saviani, nesse contexto de mediação da educação,

as investigações sobre ética e política nos permitirão enfrentar com maior clarividência os desafios que a situação de violência, corrupção, estímulo ao hedonismo, à competição, ao espírito de “levar vantagem em tudo” esta colocando para a educação na sociedade brasileira (2008, p.14, grifos do autor).

Considerando as ideias de Saviani, é possível recorrer a Cristovam Buarque (2003) e assim afirmar que o grande desafio posto a universidade diz respeito a sua transformação, à sua reinvenção, de forma contínua e crítica, para assim fortalecer o projeto de formação civilizatório de uma humanidade ética. A fim de atingir tais anseios, a universidade, apesar de vir passando por fortes interferências do sistema capitalista e anseios da sociedade do conhecimento, deve pautar-se pela dimensão ética.

O cultivo do conhecimento Ético na docência universitária: A reflexão desenvolvida inicialmente neste estudo propicia a compreensão de que o conceito de formação universitária não se solidifica na mera aquisição e memorização de conhecimentos. Assim, o ensino absolutamente técnico não forma sujeitos críticos e emancipados, dispostos a defender seu direito de autonomia e sua inteireza social e cultural, diante dos instrumentos massificadores da lógica capitalista, permeada pela realidade social contemporânea. O saber docente influenciado pelo ideal neoliberal restringe-se às metodologias, utilizadas para a socialização de informações e ou conteúdo. Nesse sentido, para que ação docente não fique vinculada unicamente às exigências do mercado, o ensino deve ser entendido pela via da ética que “se apresenta como área de investigação filosófica para explicar nossa sensibilidade moral e mostrar seus fundamentos” (SEVERINO, 2001 p.92). Nesse aspecto, o ensinar, estruturante no processo formativo, cria condições para que os educandos apreciem, com a devida coerência, austeridade, criticidade e cientificidade, não apenas as questões técnicas de seu futuro exercício profissional como também as categorias histórico – sociais nas quais este exercício incide.

Como menciona Sousa:

é a ação docente que orienta os alunos para que reconstrua seu conhecimento prévio, organize as informações que possui, reconstrua seus esquemas, aumente sua capacidade de análise, bem como se aproprie da cultura e] que vive, para recriá-la (2006 p.113).

Pelo exposto, novamente é possível aferir que a relação professor e aluno como práxis histórico-social não se fundamenta apenas no intercâmbio entre agentes instrumentais e técnicos, mas também entre diferentes razões (política, moral, ética, estética etc) voltadas para educação da dignidade humana. Insiste-se assim, na lógica de uma educação ética para a formação humana, tendo em vista que, além de profissionais eficientes, o atual contexto social e até o econômico necessitam de cidadãos que haja eticamente e com compromisso social. Entende-se que além de eixo norteador da vivência em sociedade, a ética se faz via de acesso para a formação do homem que almeja a qualidade de humano por meio da ação educativa, eticamente orientada. Dessa forma, o imperativo para se repensar o ensino emerge como um modo de mover-se na direção de uma sociedade humanizada, ética e justa. Nesse caso, a concepção sócio-histórica do ato de ensinar volta-se para o ser humano, criador de sua história, aspirando um significado mais democrático e humanizador para o ensino. Sobre o sentido humanizador do ensino, Coêlho ressalta que,

Humanizar significa criar condições para os que pertencem à espécie humana realizarem em sua experiência, em seus atos, a racionalidade, a autonomia, a liberdade em sua relação com a natureza e o outro e, portanto, na “convivência” social, o que supõe o reconhecimento da igualdade fundamental, afirmando-se todos como iguais, sujeitos da cultura, do saber e da ação. A educação, a escola, a universidade é chamada a trabalhar para que todos possam realizar sua humanidade. Daí a necessidade de cultivar a reflexão, o autodomínio, sem o que não há autonomia, sujeito, pessoa (2006 p.55, grifos do autor). Na concepção do

autor, é equivocada a ideia de ensino como técnica de difusão do conhecimento convertido em informação, pois o ensino, nessa perspectiva, se converte numa atividade que se efetiva na produção intelectual e cultural do saber. Sendo assim, o ensino universitário deve orientar o desenvolvimento das capacidades intelectuais, éticas, estéticas, políticas e culturais da humanidade.

A Ética e suas implicações ação docente: A profissão do docente universitário, com as transformações ocorridas no contexto social, sofre alterações ao ser reconhecida como mais uma profissão que se submete à lógica da razão instrumental, inseparável da relação custo/benefício, do individualismo e do utilitarismo que ao invés de compreender a educação como um bem humano a classifica como um sistema que gera produtos frequentemente avaliados. Para subverter tal lógica faz-se necessário romper com a mentalidade cientificista e seu processo de formação normativo, baseado em padrões e métodos de avaliação, oriundos das profissões técnico-científicas. Esse rompimento se efetivo pelas ações de pensar, debater e elaborar propostas de formação e atuação que possibilitem ao professor em formação tornar-se sujeito na constituição de sua profissionalidade². Nesse sentido, cabe perguntar: Como formar docentes eticamente comprometidos com a educação? Em que dimensão se dá a formação ética na universidade? Como se caracteriza a discussão ética e sua aplicação no cotidiano do docente?

Para Rios (2010 p.652), parece consensual a necessidade de “haver uma formação ética dos docentes”, porém a pesquisadora, em seu texto: “Ética na formação e no trabalho docente; para além de disciplinas e códigos”, indaga sobre como deve acontecer essa formação: “Será como uma disciplina, ou como se encontra em cursos de formação de outros profissionais?” Severino (2010, p.647) por sua vez, no seu artigo “Formação e atuação dos professores: dos seus fundamentos éticos” também questiona: “Seria a Ética ensinável? Como se dá a transposição didática no caso da Ética? Teria ela um conteúdo disciplinar como todas as demais disciplinas, que pudesse ser repassado aos aprendizes, num contexto de ensino formal?” Ciente da complexidade que envolve a formação ética dos futuros professores, Severino esclarece que a ética pode ser contemplada não apenas com a oferta de uma disciplina curricular. O estudioso alerta que a “transversalidade da postura ética (que atravessa todas as dimensões de nossa existência) não pode ser entendida ou alcançada osmoticamente pela influência difusa das diferentes disciplinas.” A esse respeito, Rios (2010, p.661) além de afirmar que “o espaço para o desenvolvimento de um atitude reflexiva” deve ser o constitutivo na formação do docente, aponta ainda a disciplina de filosofia da educação como local privilegiado para se trabalhar com temas de ordem ética, visto que a filosofia da educação se propõe a “compreender e a problematizar os valores morais, perguntando por sua consistência e fundamentação”(Severino 2001, p.94). Rios (2010) afirma que a ética ganha espaço próprio na formação docente e no cotidiano do professor pelo exercício da reflexão. Considerando essas ideias, pode-se afirmar, de certo modo, que como disciplina ou não, a ética, ao redimensionar as possibilidades de criação e recriação de novos hábitos, costumes e ações, contribui para o exercício da docência, bem como da cidadania, da dignidade da pessoa humana, enfim para a efetivação da formação humana. Sem dúvida ensina-se ética quando na relação ensino-aprendizagem o educando é sujeito e não assujeitado. Também se ensina ética quando, ciente da importância de se respeitar a diversidade de saberes que permeiam o campo do conhecimento, não se assume as opções teóricas tomadas como verdades prontas e acabadas. Desse modo, à luz dos pressupostos teóricos de Coêlho, mais do que instrumentalizar os professores, cabe aos cursos de licenciatura contribuir para a superação do empirismo, do positivismo, cientificismo e do primado do imediato, circunscrevendo a educação como realidade ampla,

significativa e rica, aos limites do senso comum, do sensível e da prática. Para Coêlho,

a educação não é apenas um processo institucional e instrucional, seu lado visível, mas fundamentalmente um investimento formativo, seja na particularidade da relação pedagógica pessoal, seja no âmbito da relação social afetiva. A interação docente é mediação universal e insubstituível dessa formação, tendo-se em vista a condição da educabilidade do homem. (2011, p.132)

A relevância da interação docente para o desenvolvimento da humanidade torna a atuação e formação de professores questões centrais nas discussões acerca da educação. Entende-se que, distante do discurso salvacionista, cabe ao professor a missão de orientar as pessoas na direção da cultura, do saber e da sensibilidade ética. As ideias apresentadas pelos autores supracitados permitem pensar que os cursos de graduação, pontualmente, responsáveis por formar professores, precisam ser pensados fora do plano utilitarista que tanto enfatiza a profissionalização, o saber operacional, a tecnificação dos processos formativos em detrimento da dimensão, intelectual, humana, ética e emancipadora da formação.

Considerações finais

As reflexões aqui desenvolvidas possibilitaram compreender que a presença da ética, entendida como princípio reflexivo que interroga os valores sociais, nos cursos de formação de professores favorece o desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores que contribuem para o aprimoramento do fazer docente de forma dialógica, crítica e reflexiva. Oferece também condições para o professor reconhecer-se responsável por sua atuação ética e pelo desenvolvimento ético dos seus alunos. No incurso teórico realizado, identificou-se nos estudos de Severino, Rios, Saviani, Santos e Coelho que a dimensão ética da docência manifesta-se especialmente nas relações próprias ao ensino, bem como na interligação do docente com os elementos institucionais e os sujeitos envolvidos no processo formação acadêmica. Na primeira parte deste capítulo buscou-se apresentar o atual panorama social e econômico da sociedade contemporânea e também identificar suas implicações no campo universitário. Destacou-se, sobretudo, que neste processo de mutação o papel transformador da universidade deve ganhar centralidade nas discussões que abordam as questões formativas, enfim educacionais. Visto a universidade ser

um forte fator de inclusão social, promovendo a igualdade de oportunidades como também um fator de crescimento econômico sustentável, mediante a formação de recursos humanos qualificados e desenvolvimento de tecnologias que agregarão valor aos produtos e reduzirão a dependência do país em relação ao mundo desenvolvido. Só assim a universidade poderá apontar caminhos soluções à frente de seu tempo. A vocação da universidade é ser uma instituição social e não uma organização social (BUARQUE, 2006, p.14)

Para o autor, a universidade tem como missão formar homens de cultura, profissionais com competência, visão crítica e perspectiva humanística capazes de contribuir com a formação de uma sociedade mais ética, justa e desenvolvida. Nessa perspectiva, torna-se de fundamental importância que a universidade potencialize sua função social e sua capacidade crítico-cultural e, desse modo, afasta-se do modelo mercadológico de educação que prioriza a quantidade de informações difundidas e não a qualidade, a forma e o valor dos diferentes saberes. Valendo principalmente das ideias de Saviani, Severino e Rios, compreende-se que a relevância da ética na formação universitária, em especial, dos professores vai além da necessidade de ser ou não contemplada como uma disciplina curricular, pois implica redimensionar a atividade docente, tendo em vista ao analisar a realidade e elevar a ética a condição de princípio intencional fundante das relações pedagógicas formativas sem desconsiderar os seus desdobramentos e limites a importância. Sendo a eticidade possível mediante o comprometimento com o cultivo do pensamento, a transcendência de formas de agir que dificultam o

²Segundo Sacristán (1995), a profissionalidade significa “[...] o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor” (SACRISTÁN, 1995, p. 65). Na concepção de Valter Soares Guimarães a profissionalidade docente constitui-se por “[...] traços específicos dessa profissão e os pressupostos que fundamentam a aspiração de profissional (2006, p. 135).

desenvolvimento de uma sociedade mais digna. Em suma, observa-se que a ação docente, imersa por princípios éticos, torna-se ainda mais valorosa para a formação de uma humanidade livre, justa e digna. O esforço teórico empreendido no decorrer da elaboração deste capítulo teve a intenção pensar criticamente as implicações da ética na universidade e, desse modo, suscitar posteriores estudos sobre a temática debatida.

REFERÊNCIAS

- Buarque, Cristovam. A universidade numa encruzilhada. Edição brasileira pelo Escritório da UNESCO no Brasil, 2003.
- Castells, Manuel. Fluxos, redes e identidades: uma teoria crítica da sociedade informacional. In: Novas perspectivas críticas da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- Castro, Amélia Domingues. Ensinar a ensinar. São Paulo: Pioneira Thompson Searning, 2005
- Chauí, Marilena. A universidade pública sobre nova perspectiva. Revista Brasileira de Educação. N.24, p.1-15, out/dez.2003.
- Chauí, Marilena. Ética e universidade. Sindicato nacional dos docentes das instituições de ensino superior, Brasília: Rumo, CD-ROOM: V. 1, edições 1 a 24, 2004.
- Coelho, Ildeu Moreira. Ensino, pesquisa e formação de estudantes e professores. Revista da PUC - Campinas, n.18, jan. p.41-59, 2000.
- Guimarães, Valter Soares. Saberes docentes e identidade profissional: a formação de professores na Universidade Federal de Goiás. São Paulo: USP, Tese de Doutorado em Educação, 2001.
- Hessen, Johannes. Filosofia dos Valores. 4ª. Ed. Tradução e prefácio do Prof. L. Cabral de Moncada. Coimbra: Armênio Amado, Editor, Sucessor, 1980.
- Jaeger, Werner, 1888-1961. Paidéia: A Formação do Homem Grego. Tradução Artur M. Parreira; [adaptação do texto para edição brasileira Mônica Stahel; revisão do texto grego Gilson César Cardoso de Souza] 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Jaeger, Werner. Paidéia: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, p.1440, 1995.
- Lalande, André. Vocabulário técnico e crítico da filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- Lucchesi, M. A. S. O ethos da universidade e a formação docente. VII Seminário Redestrado – Nuevas Regulaciones em America Latina 2008.
- Kant, Immanuel. Beantwortung der Frage: was ist Aufklärung? Petrópolis: Vozes, 1974.
- Rios, Terezinha Azeredo. Ética na formação e no trabalho docente: para além de disciplinas e códigos In: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente / organização de Angela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben [et al]. Belo Horizonte: Autentica 2010. Textos selecionados do Xv ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, UFMG, 2010.
- Sacristán, J. Gimeno. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). Profissão professor. Porto: Porto, p. 63-92, 1995.
- Saviani, Demerval. A investigação sobre ética e política na dinâmica da pesquisa em educação no Brasil e sua importância para a formação do educador (p. 1 a 14). Conferência de abertura do I Simpósio Nacional sobre política, ética e educação, 2008.
- Severino, A. J. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. Educ. Pesquisa, v. 32, n. 3, p. 619-634, dez. 2006.
- Severino, A. J. Educação, Sujeito e História. Olho d'água, São Paulo, 2001.
- Severino, A. J. Formação e atuação de professores: dos seus fundamentos éticos. In: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente/organização Angela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben [et al]. Belo Horizonte: Autentica 2010. . Textos selecionados do Xv ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, UFMG, 2010.
- Sobrinho, Dias José. Educação superior, globalização e democratização. Qual universidade? Universidade Estadual De Campinas, 2008.
- Vazquez, Adolfo. Ética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
